

# O presidente endurece o tom

O presidente Fernando Henrique Cardoso começou a fazer, pela bancada do Rio Grande do Sul, o que deveria ter feito com todos os parlamentares desde o início. Durante jantar na residência do deputado Adroaldo Streck, o presidente não se deixou pressionar pelos interesses regionais contrariados e não deixou crítica sem resposta, às vezes áspera. Deixou claro que decisões já tomadas serão implementadas, mesmo que não agradem aos gaúchos, ficando implícito que são os aliados que devem acompanhar o governo e não vice-versa. Tivesse adotado essa posição rígida desde o início, as reformas provavelmente estariam mais adiantadas e menos condicionadas e o governo teria uma base parlamentar de apoio mais confiável.

Nas próximas semanas, o País saberá se a atitude do presidente foi resposta isolada aos desafios que recebeu de alguns membros da bancada gaúcha ou se é um novo padrão de comportamento, de validade geral. Oxalá valha a última hipótese. O presidente da República, eleito por partido que sozinho não detém maioria no Congresso, não pode ser inflexível com tudo e com todos. Mas também não pode flutuar ao sabor de apetites cada vez mais apurados ou ficar se chocando contra obstáculos enormes que desaparecem à vista de óbolos. Muito menos deve transformar as negociações num fim em si mesmo, perdendo-se na lana-caprina das conversas inter-

mináveis e inconclusivas e das jogadas de longuíssimo alcance e elevadíssimo escopo que paralisam a ação presente.

Se isso acontecia é porque o sr. Fernando Henrique Cardoso, por estilo pessoal e falta de assessoria adequada, permitia. Ele tem um cabedal de legitimidade eleitoral e de suporte para o programa de modernização do País que permite indicar o rumo e liderar a marcha, com a certeza de que será acompanhado pela maioria e os eventuais desertores prejudicarão mais a si mesmos que ao governo. O que desgasta o prestígio do presidente e do governo são as seguidas concessões feitas a aliados que só o são para poder impor dificuldades no interior da administração e transformar as soluções em vantagens de toda ordem. O presidente tem como se recusar a esse tipo de jogo sem interromper a linha de negociação que é parte legítima e inerente à atividade política.

No jantar na casa do deputado Streck o presidente provou que é possível fazê-lo e domina essa arte. Interpelado com uma franqueza e uma liberdade de linguagem a que um presidente da República não deveria ser submetido em conversa com testemunhas, o sr. Fernando Henrique Cardoso respondeu ao sr. Pedro Simon com dureza, mas em tom adequado aos



ouvidos de um senador. Garantiu, contra a vontade dos parlamentares gaúchos, que o Banco Meridional será privatizado e o processo não será adiado. Trata-se, segundo ele, de uma decisão de governo que será levada a cabo sem delongas. E, quando o deputado José Fortunati, ex-líder sindical dos bancários de Porto Alegre, tentou argumentar que todos os países do Primeiro Mundo se desenvolveram tendo por base bancos estatais, o presidente exigiu exemplos. Na fal-

ta deles (encaminhados por fax ao Planalto no dia seguinte...), recusou-se a prosseguir o assunto com o deputado enquanto ele não trouxesse exemplos que justificassem a afirmação. Em outras palavras, passou a exigir dos interlocutores seriedade factual.

O presidente decidiu não mais agir sob pressão e resolveu dar o exemplo com o caso dos colonos que invadiram repartição federal em Porto Alegre. Enquanto a situação não se normalizou, o presidente não assinou com o governador Antônio Britto e a Confederação dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul convênios para transferir R\$ 40 milhões do FAT para o Programa de Agricultura Familiar. Trata-se de oportuna correção de curso. Até aqui o governo federal vinha contempORIZANDO com as in-

vasões, chegando mesmo a colocar no Incra uma pessoa cuja credencial, além das da proximidade com o presidente da República, era o diálogo fácil com o Movimento dos Sem-Terra. Tendo assentado 40 mil famílias que se portaram de modo civilizado e ficando óbvio que o MST não resume a questão agrária, é possível que o governo tenha resolvido encurtar o fôlego do casal Rainha. Com o deputado Adão Pretto, o presidente da República manifestou

**O presidente inaugurou um estilo menos conciliador e mais rígido com a bancada gaúcha**

sua face intransigente e depois colocou o interlocutor contra a parede: "Adão, você sabe o que o governo vem fazendo? Ou não sabe?" Diante da resposta de que o governo tem feito coisas positivas, retru-

cou: "Você tem de dizer isso publicamente".

Aí está. O presidente escolheu como alvo um deputado do PT para exigir que vá às ruas reconhecer e elogiar as medidas positivas tomadas pelo governo. Não deve ter faltado cálculo nessa escolha, da mesma forma como é improvável que o tom usado pelo presidente da República na conversa com os parlamentares gaúchos tenha sido casual, decorrente das necessidades de momento. Há uma certa lucidez nesse método. Que permaneça e prospere.